

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jaqueline Pereira Bittencourt (UNEB)
jaquelinepereira@yahoo.com.br
Valquíria Claudete Machado Borba (UNEB)
valmborba@hotmail.com.br

RESUMO

Neste artigo, faz-se uma análise e reflexão acerca do tratamento dado à variação linguística no livro didático *Diálogo em gêneros – Língua Portuguesa, 6º ano do Ensino Fundamental*, das autoras: Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, editora FTD (BELTRÃO; GORDILHO, 2013). A análise do livro foi norteadada, principalmente, em autores que discutem o ensino da diversidade linguística na escola e nos documentos oficiais de educação: objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa (LP) para o Ensino Fundamental II, indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998); mesmo sendo posterior à obra em análise, o Componente Curricular Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – anos finais, inserido na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) também norteou a referida análise. Verificou-se que, em linhas gerais, o material didático estudado apresenta algumas orientações presentes nos estudos voltados para diversidade linguística e contempla as orientações dos documentos oficiais para o ensino de Língua Portuguesa. No entanto, apresenta alguns problemas na apresentação do conceito e na proposta de algumas atividades, em que é notória a ênfase dada ao ensino da norma padrão em sala de aula, não contemplando de forma satisfatória o ensino da diversidade linguística, o que compromete o aprendizado do fenômeno linguístico.

Palavras-chave:

Ensino. Língua materna. Livro didático. Variação linguística.

ABSTRACT

In this article, an analysis and reflection is made about the treatment given to linguistic variation in the textbook *Dialogue in genres – Portuguese language, 6th year of Elementary School*, by the authors: Eliana Santos Beltrão and Tereza Gordilho, FTD publisher (BELTRÃO; GORDILHO, 2013). The analysis of the book was mainly guided by authors who discuss the teaching of linguistic diversity at school and by the official education documents: general objectives of the teaching of Portuguese Language (LP) for Elementary Education II, indicated by the National Curriculum Parameters – PCN – (BRASIL, 1998) and the Portuguese Language Curriculum Component in Elementary Education – final years, inserted in the National Common Curricular Base (BRASIL, 2017), also guided this analysis. It was found that, in general, the didactic material studied presents some guidelines present in studies aimed at linguistic diversity and includes the guidelines of the official documents for the teaching of Portuguese. However, it presents some problems in the presentation of the concept and in the proposal of some activities, in which the emphasis on teaching the standard

norm in the classroom is notorious, not satisfactorily contemplating the teaching of linguistic diversity which compromises learning of the phenomenon linguistic.

Keywords:

Teaching. Mother tongue. Textbook. Linguistic variation.

1. Introdução

Segundo Travaglia (2002, p. 17), “o ensino da língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, isto é, a capacidade do usuário empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação”. Assim como Travaglia, diversos autores de livros didáticos e os documentos oficiais de educação (que em boa parte da sua composição trazem orientações para o ensino de língua materna respaldadas nos estudos da Sociolinguística) defendem um ensino de língua que desenvolva as competências comunicativas e discursivas, aperfeiçoando a capacidade de utilizar a língua de modo variado e adequando ao contexto e às diferentes situações e práticas sociais.

Embora seja perceptível o consenso nos objetivos do ensino da língua portuguesa, as mudanças pedagógicas ainda não fazem parte da realidade de muitas escolas. Entre essas mudanças, está o tratamento dado ao ensino da diversidade linguística. Apesar da divulgação de materiais de qualidade sobre o estudo da sociolinguística e dos livros didáticos de língua portuguesa abordarem o fenômeno linguístico (mesmo apresentando inadequações referentes ao tratamento da variação linguística), ainda há muita resistência das pessoas apegadas às concepções antigas e às práticas convencionais de ensino. Há mais de uma década, Mollica (2003, p. 52) já afirmava que “a escola consome parcela substancial de seu tempo justificando o esforço da comunidade culta em impedir a corrosão da língua”. Infelizmente, esse problema ainda faz parte da realidade de muitas escolas no Brasil, o que restringe o ensino da língua materna a memorizar inúmeras regras que determinam o uso da língua, de acordo com a norma culta apenas, implicando no conceito de certo/errado.

É evidente que é necessária a adoção de mudanças no ensino da língua portuguesa na escola. Uma dessas mudanças está na forma como o livro didático de língua portuguesa apresenta atividades de reflexão sobre a língua materna. Essas atividades devem respeitar e valorizar as diversas variedades, deixando de lado os textos descontextualizados e suas ativi-

dades transmissivas e voltar-se para o ensino da língua a partir de estratégias capazes de aproximar o educando do seu contexto social, trazendo conhecimentos e atividades que promovam a criatividade e a criticidade do aluno.

Não cabe mais livros didáticos, que são ferramentas ou instrumentos que a maioria dos professores das escolas públicas brasileiras utiliza em sala de aula (MORAIS, 2015), tratando do ensino da língua materna como um sistema inflexível e invariável, pois isso não contribui para o desenvolvimento das competências comunicativas e discursivas do sujeito. Logo, é necessário que alunos e professores utilizem livros didáticos que abordem uma concepção de língua materna heterogênea e multicultural, ampliando, assim, as diversas possibilidades do uso da língua.

Levando-se em conta essas considerações, analisamos neste artigo o tratamento dado à variação linguística no livro didático *Diálogo em gêneros – Língua Portuguesa, 6º ano do Ensino Fundamental* das autoras: Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, editora FTD (BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 38-43), a partir de algumas das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) para o tratamento da variação linguística. Como aporte teórico, foi utilizando o conceito de traços descontínuos e traços graduais de Stella Maris Bortoni-Ricardo (BORTONI-RICARDO, 2004). Para tanto, o trabalho está estruturado em três partes. Na primeira, apresenta de forma breve a relevância do ensino da diversidade linguística na sala de aula. Na segunda, apresenta o conceito de traços descontínuos e traços graduais de Stella Maris Bortoni-Ricardo. Na terceira, apresenta a análise do livro didático *Diálogo em gêneros – Língua portuguesa, 6º ano* (BELTRÃO; GORDILHO, 2013) e expõe como o material trata a variação linguística. E, por fim, apresenta as considerações finais em relação à análise feita.

2. A importância da Sociolinguística na escola

No Brasil, há muitas variedades da língua portuguesa. Na verdade, a variação linguística é um fator inerente a toda língua e está intimamente ligada a aspectos de natureza social, cultural e política dos seus falantes, o que significa dizer, que a língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em construção (BAGNO, 2007). É possível identificar geograficamente e socialmente uma pessoa pela forma como fala. Segundo Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), toda

variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social.

No entanto, decorrente do valor social que é atribuído aos diferentes modos de falar, verifica-se que, no Brasil, alguns falares têm mais prestígio que outros. É muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico. Para Mollica (2003), o modelo de comunicação das pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser estigmatizado, sendo objeto de comentários jocosos ou rejeição explícita na comunidade discursiva. É registrado como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, sobretudo nos níveis fundamental e médio.

Diante do exposto, é notória a importância da Sociolinguística, pois é uma área da linguística que “estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos” (COELHO, 2018, p. 12), explorando a variação e a mudança linguística. Segundo Camacho (2001), o papel da Sociolinguística é entender e valorizar a diversidade, já que ela é inerente aos sistemas linguísticos. A Sociolinguística apresenta a língua como um sistema de regras, mas algumas regras são categóricas - sempre se aplicam da mesma forma - e outras são variáveis - regras que se aplicam de modo variado. (COELHO, 2018, p. 13), mostrando que as variabilidades existentes na língua não são aleatórias, seguem regras, organização gramatical e lógica linguística estabelecidas pelos seus falantes. Nesse sentido, esse é o olhar que a Sociolinguística tem em relação à variação linguística, conforme é explicitado por Coelho:

[...] podemos concluir que a língua varia, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade - além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua [...]. A Sociolinguística se ocupa desses fatores, da pressão que eles exercem sobre a língua que falamos e da maneira que as pessoas percebem e avaliam a língua. É dessa forma que os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade. (COELHO, 2018, p. 13)

A variação linguística em sala de aula é tema constantemente abordado nos trabalhos de Bagno (2002, 2007), Bortoni-Ricardo (2004,2005) e Mollica (2003). Os referidos autores apresentam críticas e sugestões de metodologia para o ensino de língua portuguesa. Para Bortoni-Ricardo (2009), a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstra preocupação com o de-

sempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou grupos sociais e tem como auxiliar professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem da língua mais ampla, conforme explica Bortoni-Ricardo (2009):

A sociolinguística voltada para a educação pode contribuir de forma significativa para melhorar a qualidade do ensino da língua materna em cursos de formação de professores alfabetizadores porque trabalha com os fenômenos linguísticos da língua em uso, com base na relação língua e sociedade e voltada para a realidade dos alunos. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 223)

Segundo Carvalho (2018), a discussão acerca da variação linguística e ensino de língua materna não tem se limitado apenas à consideração de questões teóricas, mas também à análise de situações pedagógicas e materiais didáticos e à sugestão de propostas de intervenção. Para Bortoni-Ricardo (2009), essa vertente da Sociolinguística, que apresenta contribuições para o fortalecimento do ensino do português como língua materna, é chamada de *Sociolinguística* Educacional.

Portanto, diante do exposto, fica evidente que são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística, mas que culminam na comprovação da estreita relação existente entre linguagem e sociedade. Essa realidade linguística, apontada pela Sociolinguística, já é reconhecida por instituições oficiais encarregadas de planejar a educação no Brasil. Assim, documentos oficiais de educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), trazem orientações e propostas para o currículo de língua portuguesa. Conforme enfatiza os PCN:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BRASIL, 1998 p. 26)

Implantada em 2017, a Base Nacional Curricular Comum – Competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2017) – é mais um exemplo de documento oficial que propõe práti-

cas diversificadas de linguagem para participação efetiva do sujeito nas esferas da vida social e pessoal, possibilitando, assim, uma sociedade mais justa, que busque

[...] Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2017, p. 65)

Assim, é perceptível a consonância entre os documentos oficiais de educação e os pressupostos da Sociolinguística com a finalidade de inserir mudanças no fazer pedagógico e permitir um ensino de língua sensível às diferenças socioculturais. Conseqüentemente, as orientações e propostas presentes nos documentos citados vão interferir também na elaboração de livros didáticos, já que, para significativa parte da população brasileira, o livro é o impresso em torno do qual a escolarização e as práticas de leitura e o ensino de língua são organizadas e constituídas.

Em sociedades como a brasileira, livros didáticos e não-didáticos são centrais na produção, circulação e apropriação de conhecimentos, sobretudo dos conhecimentos por cuja difusão a escola é responsável. Dentre a variedade de livros existentes, todos podem ter – e efetivamente têm – papel importante na escola. (LAJOLO, 1996, p. 4)

Compreendendo a importância do livro didático para o trabalho pedagógico na sala de aula, é fundamental analisá-lo para que não seja um instrumento desatualizado, distante das atuais propostas curriculares, e que possa auxiliar, de fato, no desenvolvimento do trabalho do professor. Neste artigo, analisaremos um livro didático para reflexão sobre a questão do ensino de língua e variação linguística. Mas antes vejamos os pontos que serão analisados no livro didático na próxima seção.

3. Os traços descontínuos e graduais presentes na escola

A variação linguística é uma realidade inegável. Para entender melhor a variação no português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que esta está relacionado a três tipos de contínuos, que são: contínuos de urbanização, contínuo de oralidade–letramento e contínuo de monitoração estilística. Por conta da finalidade deste trabalho, será apresentado

apenas o primeiro contínuo, no qual a autora detalha o conceito de traços descontínuos e traços graduais.

Segundo a autora, o contínuo de urbanização é representado por três contínuos: pelas variedades rurais isoladas, áreas urbana e variedades urbanas padronizadas.

No primeiro contínuo, estão situados os falares rurais mais isolados por causa da dificuldade de acesso e de meios de comunicação. Já o segundo, são falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de agências padronizadoras da língua: escolas, repartições públicas, cartórios etc., onde predominam culturas de letramento. No entanto, entre os dois contínuos, está a zona “*rurbana*” que a autora define como grupos formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, mas estão submetidos à influência urbana, como a mídia, a absorção de tecnologia agropecuária. Bortoni-Ricardo ainda esclarece que

[...] As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares (por isso mesmo, falamos de um contínuo). [...] os falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano. Dizemos, então, que esses traços têm uma distribuição descontínua porque seu uso é “descontinuado” nas áreas urbanas. Há outros traços na nossa listinha do Chico Bento que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, se distribuem ao longo de todo o contínuo. Esses traços, ao contrário dos outros, têm uma distribuição gradual. Vamos chamá-los de traços graduais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53)

Assim os traços descontínuos são mais estigmatizados por se restringirem à língua falada por pessoas que estão na base da pirâmide das classes sociais. Essas formas de falar não avançam até o topo da pirâmide e, por isso, recebem a maior carga de rejeição e preconceito da parte dos falantes que não utilizam essas regras (BAGNO, 2007). Podemos citar como exemplos de traços descontínuos, os apresentados na tabela 1.

Tabela 1: Traços descontínuos

Rotacismo	/Broco/, /Croro/, /Prástico/	Bloco, Cloro, Plástico
Deslateralização de /k/	/Gái/, /paia/, /trabaia/	Galho, Palha, Trabalha
Concordância não-normativa	Esses menino	Esses meninos

Fonte: BAGNO, 2007. (Adaptado)

É válido relembrar que os traços descontínuos não são consequências da inabilidade ou incapacidade dos falantes não escolarizados, mas sim, é possível explicá-los com base no conhecimento da história da língua e de seu funcionamento (BAGNO, 2007, p. 81).

Os traços graduais estão presentes na fala de muitos brasileiros, logo não são estigmatizados. Podemos citar como exemplos de traços graduais as palavras presentes na tabela 2.

Tabela 2: Traços graduais.

A gente	Pronome-sujeito de 1ª pessoa do plural empregado em diversas classes sociais no lugar do pronome “ nós ”.
Passá	Apagamento do /t/ em final de palavra, principalmente em final de infinitivo verbais: cantá, falá, fazê .
Tava	Redução de formas do verbo “ estar ”, que é um dos mais empregados da língua: tô, tá, tamo (s), tão etc.
Cantano	Assimilação do /d/ pelo /n/. Primeiramente, teremos uma consoante dupla /nn/, que logo se simplifica em /n/. Isso ocorre porque /n/ e /d/ são consoantes que compartilham algumas semelhanças no ponto de articulação e no modo de articulação, as duas são oclusivas alveolares. Mesmo os falantes mais escolarizados tendem a pronunciar, na fala menos monitorada.

Fonte: BAGNO, 2007. (Adaptado)

Assim, as pesquisas sociolinguísticas vêm demonstrando que é possível encontrar variação linguística no plano lexical, fonético-fonológico, morfossintático etc. e que a heterogeneidade é inerente a língua e está arraigada a nossa sociedade e cultura, não devendo ser desprestigiada, ou alvo de chacota e de rotulação. É preciso que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura trabalhem em prol da desmitificação da homogeneidade da língua, do mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas usos diferentes que atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam.

4. A variação linguística no livro didático

O livro analisado neste artigo corresponde ao primeiro volume da coletânea Diálogo em gêneros (BEALTRÃO; GORDILHO, 2013). O material foi lançado pela editora FTD e possui ainda mais três volumes para o 7º, 8º e 9º ano. Cada um dos quatro volumes da coleção é dividido em sete módulos. Por sua vez, cada módulo apresenta, inicialmente,

um trabalho com a linguagem não verbal (imagem em foco); atividades de levantamento de conhecimentos prévios sobre o gênero (entrando no clima), seguidos de dois textos principais, a partir dos quais são desenvolvidas atividades de compreensão escrita e análise linguística (dialogando com gêneros e por dentro da língua, respectivamente); por fim, também faz parte do módulo a seção de produção textual (produção de texto) que tem como objetivo levar os alunos ao uso apropriado da escrita ou da oralidade.

Logo no primeiro módulo, as autoras iniciam o trabalho com a variação linguística a partir de uma entrevista do ator Nelson Freitas a Jô Soares. O ator apresenta diversas expressões empregadas por brasileiros para elogiar uma mulher (figura 1).

Figure 1:Atividade 1.

1. As frases a seguir, retiradas de uma entrevista do ator Nelson Freitas a Jô Soares, exemplificam essa diversidade de linguagem. Na entrevista, ele mostra os diferentes modos de um brasileiro elogiar a beleza de uma mulher. Veja alguns.

"E tu tá bonita que nem a moléstia, olha..." (cearense)
"Pelo amor de Deus, tu esculachou, não tá fraca, não..." (carioca)
"Oxente, ó pra isso, mãinha, é nenhuma, tu tá linda demais..." (baiano)
"Pelo amor de Deus, não tou acreditando, você tá linda, meu... O que tá acontecendo..." (paulista)
"Você tá bonita demais da conta..." (mineiro)

2. Os modos de expressar o elogio são diferentes em cada região. O que podemos concluir com base nisso?

Podemos concluir que no Brasil existem muitos "falares", isto é, modos diferentes de falar.

Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 38.

As expressões, com a intencionalidade de provocar humor, utilizadas pelo ator trazem traços descontínuos, porém com predominância de traços graduais, como: "tá bonita", "o pra isso", "não tou acreditando". Apesar de ser um recorte de uma entrevista, a atividade proposta apenas enfatiza, por meio de expressões estereotipadas, as diferenças linguísticas de cada região, não propõe aos discentes uma reflexão sobre o contexto de interação e a identidade social dos seus interlocutores, por

exemplo, o sexo, a classe social. Ademais, autores como Marcos Bagno (2007) sugerem que os livros didáticos tratem a questão da variação linguística “com falas autênticas, com documentos que ilustrem a realidade da variação linguística do português brasileiro” (BAGNO, 2007, p. 73).

Em seguida, as autoras trazem o conceito de variedade linguística:

A língua se transforma, sofre variações que vão ocorrendo a partir do uso e das necessidades dos falantes. Embora exista uma **norma-padrão**, um modelo ideal de língua, ao produzirmos textos orais ou escritos, sempre usamos uma **variedade linguística**, que pode ou não estar entre as variedades cultas da língua, também chamadas de **variedades urbanas de prestígio**. Isso vai depender das condições sociais, culturais, regionais e da situação de comunicação em que o falante se encontra, isto é, onde está, com quem fala, sobre o que fala etc. (BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 38-9 (grifo das autoras))

Mesmo não enfatizando que não há uma forma “correta” e outra “incorreta” de falar, o conceito apresentado pelas autoras está em consonância com os pressupostos da Sociolinguística. Diferente do que foi trabalhado na atividade anterior (figura 1), as autoras ressaltam que a variação decorre de diferentes fatores, entre eles, sociais, culturais e da situação de comunicação em que o falante se encontra.

Na segunda atividade, figura 2, a dupla continua com foco no traço da variação essencialmente no nível lexical, mostrando expressões regionais de diferentes regiões. Ademais, esta atividade tem um problema sério, pois diz que existem expressões que adquirem sentidos diferentes em outras regiões. Porém, a atividade apresenta apenas um sentido para cada expressão.

Figure 2: Atividade 2.

Veja alguns exemplos de variedade linguística.
 Algumas expressões próprias de uma região, muitas vezes, adquirem sentidos completamente diferentes em outras regiões do país. Levante hipóteses sobre o significado de cada expressão do quadro a seguir.

Diferenças regionais	
(1) No Maranhão, caçar barulho	(3) é ficar para trás, ser o último colocado.
(2) No Piauí, ganhar chão	(4) é conquistador, macho.
(3) Em São Paulo, ficar na rabeira	(2) é fugir.
(4) No Rio Grande do Norte, bode	(6) é namorar, galantear.
(5) Em Goiás, comer na gaveta	(1) é procurar confusão, encrenca.
(6) No Rio Grande do Sul, arrastar a asa	(5) é ser avarento, pão-duro.

Fonte de pesquisa: www.jungfabras.com.br. Acesso em: 31 out. 2011.

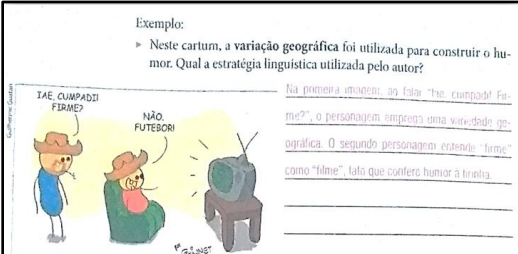
Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 39.

Na terceira atividade (figura 3), em um cartum de Guilherme Guatan, o humor é construído a partir do fenômeno rotacismo em final de sílaba, traço descontínuo, na fala de um dos personagens, que no momento de interação, compreende a palavra “filme” como “filme” e ao responder seu interlocutor, pronúncia “futebor” ao invés de “futebol”. Mais uma vez, verificamos que a proposta da atividade se limita a aspectos fonéticos utilizados em uma determinada região, ou seja, sem tratar dos aspectos socioculturais dos personagens.

Figure 3: Atividade 3.

Exemplo:

► Neste cartum, a **variação geográfica** foi utilizada para construir o humor. Qual a estratégia linguística utilizada pelo autor?



Na primeira interação, ao falar “tue cumpadi firme?”, o personagem sempre uma variação geográfica. O segundo personagem entende “filme” como “filme”, fato que confere humor à tirinha.


Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 40.

Vejamos mais uma atividade! Na figura 4, as autoras pedem para identificar palavras e expressões que promovam identificação do jovem com uma revista. Neste sentido, seria interessante levar o alunado a refletir sobre a identidade sociocultural dos falantes, como: qual o perfil dos jovens que têm acesso à revista, qual o *status* socioeconômico desses jovens, em que situação de fala esses jovens empregam esse tipo de linguagem. Assim, ampliaria o conhecimento dos alunos em relação aos fatores que compõem a variação linguística.

Figure 4: Atividade 4.

Determine quais palavras e expressões promovem a identificação do jovem com a revista.

As chamadas que aparecem na capa da revista trazem exemplos de modos de dizer próprios dos jovens como “Arrasando na talinha”, “Se tá bem na night”, “makes e looks”.



Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 41.

A atividade 5 diz respeito aos ajustes que o falante/escritor faz de sua linguagem em função da situação de comunicação, levando em conta o que irá dizer/ escrever, para quem, o lugar e a finalidade. É uma boa atividade, pois permite que o aluno reflita sobre a variação da linguagem para adequar ao contexto de fala. A partir dessa proposta, o professor pode fazer com que o aluno perceba como as pessoas estão sempre utilizando esse recurso no dia a dia para darem conta das diferentes situações comunicativas.

Figure 5: Atividade 5.

Trata-se da variação que ocorre em decorrência da situação de comunicação em que o falante se encontra. Por exemplo, se o falante apresentar um trabalho para a classe, terá de usar um registro formal. Se, por outro lado, estiver batendo papo com um colega, o registro informal será mais adequado. Veja um exemplo de variação situacional neste cartum.

VEJA QUE BONS MOVIMENTOS
ELÍPTICOS FAZEM ESSAS ONDAS,
MEU GARO AMIGO! PEGA-LAS ZIGOS
NESTE INSTANTE OU MAIS TARDIAMENTE?

Extrairdo do site:
«<http://blog.estudodehistoria.com/2011/05/25/falta-de-conhecimento-gera-polemica/>». Acesso em: 14 jun. 2013.

► O que podemos concluir em relação à linguagem empregada pelo falante do cartum?

A linguagem utilizada pelo falante está inadequada à situação (conversa na praia) e ao interlocutor (surfista), porque ele utilizou uma variedade culta num registro formal. Pela sua expressão, percebemos que o surfista não entendeu nada do que foi dito, conferindo humor ao cartum. Vale observar que o terno e a gravata — roupas formais — combinam com a linguagem empregada e também destoam da situação de comunicação.

Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2013, p. 41.

Na atividade 6, a partir dos quadrinhos de Calvin, as autoras propõem discussão sobre o registro formal empregado por Calvin, garoto de 6 anos, inteligente e questionador. As atividades propostas a cerca desse texto, leva o aluno a refletir sobre o tipo de linguagem utilizada pelo personagem e seu perfil sociocultural, mas poderia ser ampliado levando os discentes a pensarem sobre o fato do personagem está inserido em um ambiente escolar, tendo como interlocutora, sua professora, o que provavelmente poderia pressionar o garoto a usar variante prestigiada.

Figure 6: Atividade 6.

Aplicando

1. Nesta HQ, Calvin, personagem criado por Bill Watterson, questiona a professora sobre sua aprendizagem.

2. As preocupações do personagem são próprias de uma criança da sua idade? Justifique.

Não, são preocupações de um adulto.

Calvin é um garoto de 6 anos, inteligente e questionador, mas profundamente solitário. Seu único companheiro é Haroldo, um tigre de pelúcia. Suas tiradas criativas levam o leitor a refletir sobre questões do mundo e da natureza humana.

Fonte de pesquisa: <<http://tras-do-calvin.tumblr.com/>>. Acesso em: 31 out. 2012.

3. Calvin utiliza o registro formal em sua fala.

a) Isso está adequado ao personagem?

Sim, porque o registro utilizado se relaciona com as características de Calvin, mesmo que não seja comum que uma criança dessa idade fale assim. Sua maneira de falar é um componente importante para a construção do humor na tira.

Extrair do site: <<http://siteaeducacao.com.br/tribunacalvin-ent-educacao-destaque-da-semana/>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

Fonte: BELTRÃO E GORDILHO, 2013, p. 42.

A última atividade que compõe os estudos da variação linguística no primeiro módulo é a atividade 7, que parte de dois textos, não autênticos, com predominância de traços graduais: “a gente”, “meu”, “dá uma força”, “pra lá de bom”, “vocês vão curtir” e “atrações de montão” para que o aluno perceba que tipo de linguagem está adequada ao contexto. O interessante é que aparece tanto “vocês” como “a gente” como pronomes pessoais, mas não se faz nenhuma referência, nem no manual do professor, ao emprego dessas formas.

“A gente” é uma expressão muito empregada na linguagem informal, no entanto, por não ser estigmatizada, já figura em situações de comunicação formal e informal no lugar de “nós”. Da mesma forma, é muito comum o emprego do pronome “você” e “vocês” no lugar de “tu” e “vós”, respectivamente. Logo, é possível concluir que são formas variantes, apesar da forma “vós” ser quase inexistente no português brasilei-

ro, “restringindo-se a um contexto bem específico de uso da língua, aquele ligado à esfera religiosa” (CARVALHO, 2018, p. 47).

Figure 7: Atividade 7.

Análise as diferentes situações de comunicação exemplificadas a seguir.

Situação A: solicitação enviada por alunos ao diretor da escola.
Recife, 10 de abril de 2014.
Senhor diretor,
Solicitamos, se possível, que o senhor libere a gente 10 minutos antes do final da aula.
Amanhã vai ter um jogo importante e a gente precisa se preparar.
Meu, dá uma força!
João, Fábio, Sérgio, Carlos e Rodrigo

Situação B: Apresentador de um programa de televisão dirigindo-se ao público jovem.
Galera, o programa hoje está pra lá de bom.
Vocês vão curtir as atrações de montão!

a) Em qual delas a linguagem está adequada ao contexto? Justifique.
Na situação B a linguagem está adequada; o apresentador utiliza um registro informal, pois seu objetivo é atrair um público jovem.

b) Em qual a linguagem não está adequada? Justifique.
Na situação A a linguagem não está adequada, pois se trata de uma situação formal de comunicação. O grupo de alunos se dirige ao diretor da escola, o que exigiria a utilização de um registro formal.

Fonte: BELTRÃO E GORDILHO, 2013, p. 43.

5. Considerações finais

Esse artigo apresentou uma análise do livro didático Diálogo em gêneros – Língua Portuguesa, 6º ano, direcionado a alunos do ensino fundamental, buscando-se observar o tratamento dado ao ensino da diversidade linguística. Foi constatado que há algumas inadequações em algumas atividades, mas é válido destacar que, apesar disso, as autoras propõem, por meio da referida obra, fazer com que o aluno reflita sobre o uso da língua, desenvolva suas competências comunicativas e discursivas, aperfeiçoando sua capacidade de utilizar a língua de modo variado e adequando ao contexto social. Nesse sentido, os objetivos apresentados no manual estão em consonância com os PCN de Língua Portuguesa, com a BNCC e com os pressupostos da Sociolinguística, contudo, é preciso repensar a abordagem das atividades de forma que realmente atendam aos objetivos propostos nos documentos oficiais.

Ademais, algumas questões que foram sinalizadas ao longo da análise são recorrentes em diferentes livros didáticos de língua portuguesa. Logo, cabe aos professores partir do pressuposto de que, por meio do conhecimento adequado da língua, o professor pode complementar ou adaptar o que foi proposto no material didático, pois, segundo Dionísio (2002, p. 75), “na relação com o livro didático, o professor deverá sempre ser superior a ele em conhecimento e em desempenho metodológico”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BELTRÃO, E.L.Santos; GORDILHO, Tereza. *Diálogo em gêneros*. 6º ano, São Paulo: FTD, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* – Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. Sociolinguística educacional. In: *Abralin: 40 anos em cena/ Dermeval da Hora, Eliane Ferraz Alves e Luciene C. Espindola (Orgs.)*. João Pessoa: Editor Universitária, 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, Mec/consed/undime, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em 10 ago. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental – língua portuguesa*. Secretaria de Educação. Brasília: Mec/SEF, 1998.

CARVALHO, C.S. Conhecimentos (socio)linguísticos, livro didático e ensino de português. In: *Revista tabuleiro de Letras* (PPGEL, Salvador, online), V. 12, n. 3, 2018.

COELHO, I. L. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018.

DIONÍSIO, A.P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONÍSIO, Ângela Piva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

LAJOLO, M. Livro didático e qualidade de ensino. In: *Em Aberto*. Ministério da Educação e Desporto SEDIE/INEP.1996.Disponível em:<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061>. Acesso em 28 fev. 2020.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variedades não linguística. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAIS, A.G.; Albuquerque, E.B.C. Novos livros de alfabetização: dificuldades de inovar o ensino de escrita alfabética. In: Val, M.G.C.; MARCUSCHI, B. (Orgs). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. (Coleção Linguagem e Educação)

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*, 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.